

O DISCURSO DA MÍDIA E DE ADOLESCENTES: IDENTIDADES CULTURAIS

Dinorá Fraga da SILVA
Unisinos

ABSTRACT: *The cultural identity will be treated in the process of meaning production. In order to do so the notion of cultural identity is fundamented as form using the theory of Louis Hjemslev and Michel Maffesoli. The argumentation theory of Oswald Ducrot and the modal logic of Greimas and Courtés are the basis in which we deal whith cultural identity as meaning. The analysed corpus includes a journalistic article and a textual production of a teenager.*

Key-words: Cultural identity - mass media - teenager.

RESUMO: *A identidade Cultural será tratada no processo de produção de significações. Para tanto é fundamentada como forma através da teoria de Louis Hjemslev e Michel Maffesoli. Para dar conta das identidades culturais enquanto significação utiliza-se a teoria da argumentação de Oswald Ducrot e a lógica modal segundo Greimas e Courtés. O corpus de análise é constituído por enunciados de uma reportagem jornalística e da produção textual de uma adolescente.*

Palavras-chave: Adolescente - identidade cultural, mídia.

O discurso da mídia e de adolescentes: identidades culturais

A identidade cultural será considerada a partir da leitura de um texto jornalístico e de textos produzidos por uma adolescente de uma escola pública de Porto Alegre/RS. Trata-se, então, da identidade cultural constituída enquanto linguagem. Inseriremos a identidade cultural no processo de

produção de sentido, enquanto conteúdo construído através de processos verbais de significação. É, então, de sentido constituído enquanto forma que o tema da identidade cultural será tratado. Convém, neste sentido, que nos posicionemos em relação a pelo menos dois tópicos: a imanência da forma como constituidora de sentido e a perspectiva epistemológica com que o tema será abordado.

No panorama pós-estruturalista da atualidade, a ênfase na imanência da forma merece um cuidado científico e político de considerável alcance: o de deixar claro que não estamos inseridos em uma perspectiva estruturalista, o que seria anacrônico. Remontamos a Louis Hjelmslev, quando propõe, em "Conteúdo e Expressão"(1975: 53):

"Segundo a teoria tradicional, o signo é a expressão de um conteúdo exterior ao próprio signo; pelo contrário, a teoria moderna concebe o signo como um todo formado por uma expressão e um conteúdo. (...)Deixaremos, por ora, de falar em signos pois não sabendo o que são, procuraremos defini-los a fim de falar daquilo cuja existência constatamos, isto é, função semiótica, situada entre duas grandezas: conteúdo e expressão".

E, após discorrer sobre função semiótica, propõe:

"Parece mais adequado utilizar a palavra signo para designar a unidade constituída pela forma de conteúdo e pela forma de expressão e estabelecida pela solidariedade que denominamos função semiótica".

Louis Helmslev, com o conceito de função semiótica, propõe uma teoria da linguagem que recupera o sujeito e a realidade. Por outro lado, continua na esteira de Saussure, considerando a linguagem como forma. Permite-nos, contudo, ir mais longe. Apresenta o sujeito psicossocial como aquele que produz o sentido, através da relação que estabelece entre plano

da expressão e plano do conteúdo, ambos constituídos como forma. O importante é que, assim, além de o sentido ser produzido pelo sujeito, qualquer dimensão do sensível pode se constituir como linguagem - a realidade torna-se significação porque sua dimensão sensível se institui como forma, não concebida como formal, mas como formada e formante. As formas produzem conteúdos, que são novamente, enquanto sensível, imersos no mundo vivido, substâncias semióticas, possibilidades de novas experiências, passíveis de gerarem novas formas-formantes de novos sentidos. Este é o estatuto semiótico da realidade - o sensível por onde se apreende "as torrentes quentes do vivido", na expressão de Maffesoli (1996). Forma é, então, do ponto de vista semiótico, o sensível constituído como significação: os acontecimentos sociais, os fatos da arte, as paisagens naturais, etc. A função semiótica é o ponto de encontro entre o natural e o cultural, como possibilidade de ultrapassagem desta dualidade. Como importante decorrência, semioticamente considerados, estes objetos significantes não se submetem a ser instrumento de significados pré- estabelecidos. O sentido é probabilidade permanente. É tenso e fugidio, ao mesmo tempo. tenso porque o sentido encontra-se , digamos "coagulado" no plano da manifestação textual e fugidio porque o texto que está diante de nós é apenas uma parte, a parte manifesta de uma totalidade de sentido, que não se deixa apreender porque o ato de ler é o ato de atribuição de sentidos.

O segundo aspecto que nos parece importante para a superação estruturalista da forma é o de considerarmos que toda a forma é apenas a parte manifesta de um percurso de produção de sentido, que segundo Greimas e Courtès (1996), se dá em níveis , que vai do mais concreto e complexo, o nível textual, ao nível mais abstrato e simples, o nível das lógicas, passando pelo nível semântico de constituição semiótica do tempo, espaço e sujeito; pelo nível sintático, que corresponde às transformações de estados e de ações envolvendo os sujeitos já semioticamente constituídos. Estes são dois movimentos distintos para

problematizar a ilusão da imobilidade textual: A idéia de que as formas são formadas e formantes simultaneamente e a idéia de que o processo da produção do sentido se constitui como percurso. Dar conta da articulação destes dois movimentos significa dar conta da constituição discursiva das linguagens entendidas como forma.

A distinção de forma, como formada e formante, é apontada por exemplo, em Maffesoli (1996), quando apresenta o termo formismo. Uma concepção de forma é como "forma de um problema", enquanto a outra refere-se ao aspecto formal. Trata-se de forma como modulação que permite apreender o vivido no sensível e, ao mesmo tempo, tornar a inseri-lo no vivido. É a perspectiva da profundidade da superfície. O método mais indicado é o fenomenológico. Transposto para a identidade cultural enquanto processo semiótico da cultura, vemos que nos comprometemos em tratá-la para além das classificações, das superfícies imóveis e das estruturas fixas, que impedem que tratemos o tema da identidade cultural por sistemas de tipologias, do tipo - menor abandonado, meninos de rua, estudante, trabalhador, executivo, dona de casa ... A perspectiva semiótica, no trato com temas culturais, exige um diálogo com as ciências afins, como a sociologia, a antropologia, a educação, desde que consoantes com os mesmos princípios epistemológicos apontados, que articula o aparentemente imóvel, que é o texto com as significações por eles e neles constituídas e geradoras de novos sentidos. Encontramos em Maffesoli (1996: p.303), uma visão complementar importante para a perspectiva dinâmica da constituição dos sentidos sobre, no caso deste artigo, a identidade cultural.

"O eu é apenas uma ilusão, ou antes é uma busca um pouco iniciática, não é nunca dado, definitivamente, mas conta-se progressivamente, sem que haja, para ser exato, unidade em suas diversas expressões. Daí decorre que 'a ficção é uma necessidade cotidiana'. Cada um para existir, conta-se uma história. Em cada um desses casos, vê-se bem

que o eu só é uma frágil construção, ele não tem substância própria, mas se produz através das situações e das experiências que o moldam num perpétuo jogo de esconde-esconde (...)."

O que merece ser notado é que o sujeito é um "efeito de composição", daí seu aspecto composto e complexo. Por certo que a perspectiva dos sentidos construídos, nas contínuas manifestações, enquanto expressão, confronta-se com uma posição típica da ciência moderna de proposta das identidades agrupadas em tipos, constituídas pelo caráter permanente do sujeito individual ou coletivo. Ainda, em Maffesoli, vemos:

"É certo que existe uma tradição filosófica que na linha de Parmênides vai definir o sujeito em função de sua homogeneidade, concebê-lo a partir de uma ipseidade fechada no círculo do mesmo. Para ela, a identidade está de certo modo congelada na subjetividade e na permanência individual (...) o sujeito deve corresponder ao conceito previamente estabelecido (...) Em outras palavras, é porque o mundo deve ser isto ou aquilo que o indivíduo deve ter uma identidade."

A identidade cultural, quer seja numa linha de fixidez ou processual, enquanto linguagem se constrói como efeito de sentido veridictório, que forma a opinião pública, no caso do discurso jornalístico ou através de significações que circulam nos diferentes grupos sociais.

Nosso esforço, a seguir, trata de dar conta do sentido construído no texto de uma reportagem, no jornal Zero Hora, de Porto Alegre/RS, do dia 20 de abril de 1997 e pelo texto de uma aluna, adolescente do Primeiro grau, aluna de uma escola pública da mesma localidade.

Seção do jornal onde a reportagem foi escrita: Geral

Título dado a esta seção: Gente

Título da reportagem: Filho de um Governo Padrasto

Título da reportagem: Eliane Brum

São os seguintes fragmentos que serão utilizados para estudo:

E. 1. Ex-menino da Febem e ex. preso do Carandiru cobra do Estado a responsabilidade por torná-lo um criminoso p.43.

E. 2. Um Homem sem Nome nem Dia de Aniversário
A identidade e a história desaparecem nas instituições.

p.44

E. 3. Roberto foi torturado 15 vezes pela polícia. Foi espancado, afogado, eletrocutado, pendurado num pau de arara,

E. 4. *"Cortei os fios que traçaram meu destino"* p.45

E. 5. Em qual momento, movido por que força, você começou a virar seu destino?

E. 6. *"Na prisão, ninguém vive sozinho. É preciso ser respaldado por um grupo. Eu fui aceito por um grupo de ex-internos da FEBEM porque sabiam que eu era bom no futebol."*

E. 7. *"Eu era um menino dos jardins, zona nobre de São Paulo. Além da sobrevivência, tirar o pão e o leite das casas, as roupas dos varais, eu também pegava da porta a Folha de São Paulo e a Veja, do Estadão de domingo, eu lia até os classificados"*

E. 8. *"Eu percebi o aparato criado pelo Estado para os presídios como uma máquina, onde eu e os outros éramos apenas um dente e onde cada delito, cada crime, botava a máquina em movimento. Eu não parei de cometer crime porque achava errado, mas por atitude política. Eu não queria ser mais um dente que colocava a máquina em movimento"*

A reportagem tem como tema a história da Roberto da Silva, "prováveis 39 anos". Era um menino de rua, que cresceu entre as ruas de São Paulo e dentro da Febem de São Paulo. É, atualmente, mestrando em Educação e escreveu o livro "Os filhos do governo".

O texto da adolescente escolhido para este artigo é de autoria de Fabiane, 13 anos, aluna da Escola Estadual Alberto Bins, Porto Alegre/RS:

"Eu acho que dominar é conseguir que a pessoa faça tudo o que a gente quer. Para conseguir isso só com mágica ou quando a pessoa tem muito medo da outra. Dominar é uma questão de hipnotismo. Ser dominada é fazer tudo o que mandam. O robô é uma máquina. Ele é programado para

fazer tudo o que a gente quer que ele faça. Ele é dominado. As crianças são dominadas por seus pais, eles batem na gente e quem é que vai querer apanhar. Os empregados são dominados por seus patrões, eles dão o serviço e se não fizerem eles são despedidos”.

“ A minha cidade ideal é linda. Lá ninguém faz o que não quer fazer, só faz o que quer fazer: estudar, ler, escrever e brincar com tudo o que quiser. A minha cidade ideal deve ser a mais linda de todas.”

Nas diferentes instâncias de produção do sentido, o povo(patrões e pais) e o governo , tendo como sujeito , no caso de Roberto, o sistema penitenciário constituem-se como destinadores porque têm o poder de instituir nos sujeitos sociais modalidades endógenas, baseadas no querer e exógenas, baseadas no dever. Estas dimensões, enquanto institucionalmente constituídas, produzem sujeitos coletivos, logo com uma identidade coletiva e fixa, agindo como expressão da voz predominante da polifonia sócio-cultural que detém o poder num dado período histórico.

O poder do povo e do governo, por sua vez, são expressões polifônicas de outro destinador , que é a episteme, que institui a concepção do que é o conhecimento, numa determinada época. Assim as relações familiares, as relações entre patrão e empregados e a comunicação de massa , através da função dos discursos jornalísticos estariam ocupando o mesmo lugar no percurso da produção de sentido, o de por um lado serem destinadores de sujeitos sociais e, por outro, serem sujeitos de destinador mais potente que é a epistemologia. A identidade seria um sentido construído, resultante deste movimento espiralado e alternado de destinadores e de sujeitos. Os discursos foram analisados através da lógica modal e da teoria da argumentação de Oswald Ducrot. A lógica modal permite dar conta das dimensões do possível, do necessário, do proibido, do secreto, etc., caracterizando uma lógica

complementar à racionalidade, possibilitando dimensões emocionais, intuitivas e de sentimento, como organizadoras dos sentidos pelo sujeito. A lógica modal é, assim, semioticamente mais conveniente para dar conta da vontade dos sujeitos psicossociais, transformados em sujeitos semióticos pela enunciação. Já, a teoria da argumentação de Oswald Ducrot, apresenta a concepção do implícito como instância de produção de sentido para além do materialmente manifesto, o que é extremamente conveniente em se tratando das concepções de forma aqui assumidas. Com estes dois autores fazemos uma opção pela perspectiva pós-estruturalista.

O discurso jornalístico e o discurso da estudante colocam em cena sujeitos com identidades diferentes. Propomos dois estatutos: um fixo e outro dinâmico. No caso de Fabiane, há sempre uma dimensão do não-eu, do querer ser, mas não poder ser que assume a expressão, por exemplo, na cidade ideal, aquela que ela não conhece e onde não vive. Já o computador ou o robô determina a impossibilidade de ser pela necessidade da obediência.

O pólo da identidade fixa, do não poder ser tem como contrapartida o pólo dinâmico da "virada do jogo", no caso de Roberto ou da saída pelo imaginário no caso de Fabiane, em sua cidade ideal.

Neste movimento, constituído pelos papéis alternativos de destinatadores e destinatários, e de sujeitos, as identidades vão se constituindo. A identidade fixa faz surgir o sentido da impossibilidade de construção de uma infância cidadã, pelo exercício do poder constituído como a família, o emprego e a cultura, representada, no caso, pelo computador. Já, a reportagem afirma "O filho de um governo padrasto". Este posto tem como pressuposto a idéia do governo como pai tirano.

A seguir, o enunciado "Ex-menino da Febem e ex. preso do Carandiru" (E.1) suprime a relação entre o presente de uma criança porque a reportagem refere um adulto, no presente, como ex. menino, que é, também ex preso, filho de um padrasto, enquanto que o presente da enunciação- o momento

histórico que a jornalista escreve o texto jornalístico institui a cobrança do governo, não mais por uma criança, mas por Roberto adulto. O efeito é de constituição da identidade da infância como destituída de força de luta e transformação, o que não se adequa, por exemplo, ao movimento dos meninos de rua que já lutam por seus direitos ou, mesmo a uma infância e adolescência que têm o poder de tirar a vida.

Nesta mesma direção entendemos o enunciado "Roberto foi torturado 15 vezes pela polícia. Foi espancado, afogado, eletrocutado, pendurado num pau de arara." (E. 3)

A indiferenciação, construída com recursos discursivos entre o tempo de infância e o tempo de adulto, a partir do presente situado no momento da enunciação do texto jornalístico produz como efeito de sentido o sentimento, no leitor, de que Roberto é um ser superior, enquanto adulto, apenas. Inversamente, diminui o sentido de Roberto, enquanto criança, como um menino que sofre e luta. Os efeitos de sentidos são de um entorpecimento da consciência do leitor em relação à realidade dos menores que vivem nas ruas. Por outro lado, o uso do discurso direto, manifesto nas fala de Roberto e indireto na construção narrativa da jornalista produz, também efeitos de sentido particulares.

Os enunciados "Cortei os fios(...); Eu fui aceito por um grupo(...); Eu era um menino dos jardins(...)" (E.4,6e7) são constituídos pela voz direta, enquanto os demais constituem-se como narrativas produzindo o efeito de sentido histórico. Neste movimento de duas vozes há um jogo de construção de modalidades fixa e dinâmica da identidade de Roberto.

O discurso em terceira pessoa é assumido pelo narrador, que enquanto prática de linguagem, produz um efeito de não pessoa - uma criança regida pelo não poder ser, condição de cidadania, que implica um dever ser - marginal ou outro conceito possível correspondente a não cidadania. Ao ser dada a palavra a Roberto, já adulto, (criança não tem voz), surge um efeito de identidade dinâmica, uma vez que, com a voz direta do adulto, constrói-se um homem dono de seu destino e forte o

suficiente para "virar o jogo". É neste momento que aparece um Roberto além de adulto é profissional, universitário, mestrando e escritor. Não podemos negar que estas instâncias de identidade correspondem à significação de homem de sucesso, inserido nas estratificações do sistema. É, neste instante, que é dada voz a Roberto que, na verdade, não é senão um sujeito ideológico, construído enquanto linguagem, na reportagem, para ser útil ao Estado. O final foi feliz, "apesar de tudo" - a ironia desta significação fica por conta dos leitores do jornal, que forem politicamente mais aguçados.. Neste sentido as teorias de linguagem têm um importante papel político.

Não é em vão que a primeira pergunta feita a Roberto foi, conforme o E.5: "Em qual momento, movido por que força você começou a virar seu destino?" Naturalmente que, até então, como criança, sem voz (esta foi assumida pela narradora) não seria possível o "ser alguém" senão por uma força, que foge a todo o entendimento racional de construções sucessivas, de sucessivas identidades, que se construía no dia a dia de um menino que roubando roupas e jornais poderia estar construindo sentidos muito úteis para poder "virar o jogo". Reconhecer este processo de construção de identidade é, no discurso jornalístico, de um jornal conservador, criar um problema - onde inserir, no sentido oficial de construção de cidadania a importância do que se aprende nas prisões?

Observemos que é Roberto que reconhece "Eu percebi o aparato criado pelo Estado para os presídios como uma máquina...Eu não queria mais ser dente que colocava a máquina em movimento" (E.8).

A infância subestimada e infratora é um sentido construído todo tempo na reportagem. Esta característica é figurativizada na fala da jornalista pela figura do Estado, padrasto.

A possibilidade de uma identidade construída com autonomia é figurativizada por Roberto adulto, que corta os fios com o Estado. Este corte é proposto como legítimo, no momento em que a repórter o coloca enquanto sentido posto, na pergunta-

“Em qual momento, movido por que força, você começou a virar seu destino?” (E.5).

O corte com a infância é, então, subentendido como efeito do exercício da força, antes aludida pela repórter. Com o corte, há o outro subentendido, que se constrói em duas direções - o apagamento de sua infância e a ênfase no adulto que conseguiu se inserir no sistema. Para os adolescentes, no caso de Fabiane, vivendo a violência diária das periferias urbanas, o corte vem pelo imaginário, que é um poder ser e fazer em tempo não físico. Assumir esta possibilidade de, pelo imaginário, tornar o querer poder ser e querer poder em possibilidade - como mostra o texto da *Cidade Ideal* significa assumir pela imaginação a construção do real desejável.

Acreditamos na importância da contribuição das teorias da linguagem para desvelar, nos discursos que formam a opinião pública, o processo de constituição de verdades que não são, senão efeitos de verdades construídos nos complexos recursos que os aparelhos formais das diferentes linguagens possibilitam consciente ou inconscientemente ao profissionais que têm a linguagem como objeto de trabalho. Este é o caso dos jornalistas e dos professores. Os adolescentes e seus professores são exemplo de "consumidores " dos valores que a mídia produz, através dos meios de comunicação de massa.

No caso do discurso jornalístico, os modos de produção destas significações de impacto coletivo podem ser abordados por teorias lingüísticas e semióticas. Preocupante é, contudo, o caso das significações construídas pelos alunos e a forma como pedagogicamente estão sendo tratadas pelos professores.

No caso de Fabiane, vemos que é imprescindível homologar os sentidos produzidos no anonimato dos textos escolares e elegê-los como importante instância onde as identidades vão se construindo sucessivamente, sem nunca ter um fim, porque se isto acontecer , instalam-se os rótulos, as tipologias, as estereotipas e isto é, humanamente, muito indesejável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BLUM, Elaine. *Filho de um governo padrasto*. *Jornal Zero Hora*,
Porto Alegre, 20 de abril de 1997.
- GREIMAS, A. J. e COURTES, J. *Dicionário de Semiótica*. Cultrix,
São Paulo, s/d.
- DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987
- HJEMSLEV, Louis. *Prolegôminos a uma teoria da linguagem*. São
Paulo: Perspectiva, 1975.
- MAFFESOLI, Michel. *No fundo das aparências*. Rio de Janeiro:
Vozes, 1996.